

Bloqueio do X acirra disputa ideológica

Com a rede de Musk fora do ar, bolsonaristas prometem vigília contra a decisão de Moraes — criticada por juristas e que provocou reação da OAB e de Arthur Lira sobre a imobilização de recursos da Starlink. Mas o *The New York Times* apoiou o ministro

de EVANDRO EBOLI

Os brasileiros amanheceram, ontem, sem acesso ao X (antigo Twitter), rede social do bilionário Elon Musk e que no país estima-se que seja utilizada por 20 milhões de pessoas. A suspensão do serviço determinada pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), gerou efeitos diversos, além da impossibilidade de acesso a essa rede social: irritou a extrema direita, que utilizava a plataforma para divulgar suas ideias e atacar adversários; foi criticada por juristas; provocou reação contrária do Conselho Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB); e incomodou o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), que condenou a iniciativa do ministro de bloquear as contas da Starlink, também pertencente a Musk.

O X foi suspenso até que cumpra as decisões judiciais determinadas pelo STF e pague as multas que foram aplicadas pelo ministro. No exterior, a plataforma criou a conta Alexandre Files, na qual divulga decisões do ministro que, segundo o X, seriam ilegais. Mas, nos bastidores, há rumores de que emissários de Musk tentam algum acordo com a Corte capaz de liberar a volta da rede ao ar.

Protagonista de recente embate com o STF, por conta da exigência de regulação da execução de emendas parlamentares, Lira se manifestou contrariamente ao bloqueio dos recursos da Starlink. “A gente tem a obrigação de saber separar a pessoa jurídica da da B. Se no escândalo das Americanas fôssemos bloquear a conta da Anubov, não seria correto. A demanda jurídica que há em torno do X não deveria ter extrapolado para as contas da Starlink”, afirmou Lira, num evento em São Paulo.

O bloqueio do X acirrou forte reação dos bolsonaristas, usuários maciços da rede e que programaram para o início de Setembro uma mobilização contra Moraes. Os aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro anunciaram, para amanhã, uma “vigília” contra Moraes. A senadora Danarés Alves (Republicanos-DF) anunciou que os deputados e senadores da oposição estarão em Brasília para a manifestação.



Alvo frequente dos bolsonaristas, criticas a Moraes se intensificaram. Mas o NYT o defendeu em editorial

“Vamos nos revezar em busca de resposta e aguardamos decisões do Senado. Ocorreram muitas decisões tomadas por Alexandre de Moraes. Decisões equivocadas e que colocam em risco nossa democracia”, disse.

A presidente da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara, Caroline de Toni (PL-SC) — que liderou, semana passada, no colegiado, a votação de cinco propostas em retaliação ao STF —, também atacou Moraes. “A autocracia venceu. A rede social X está oficialmente fora do ar”, postou a deputada, que classificou a medida como o “fim dos tempos”.

Bolsonaro associou a medida a Moraes, num discurso, ontem, em Curitiba, a uma ditadura e afirmou que seria preso se existisse no Brasil no 6 de janeiro de 2023 — quando milhares de seus seguidores invadiram e depredaram as sedes dos Três Poderes. “Amanhecemos sem Twitter, o X, e acusamos quem eu twit-”

ditador. Estamos vendo, cada vez mais, quem queria e quem está impondo uma ditadura ao nosso país”, criticou.

No STF, integrantes da Corte estavam num movimento para que Moraes submetesse sua decisão ao plenário. Haveria a concordância com Moraes, mas consideraram que sua iniciativa ganha força se corroborada pela totalidade dos ministros.

Revisão

Já a OAB posicionou-se contra a aplicação de multa de R\$ 50 mil, imposta por Moraes, a quem utilizou a plataforma VPN para acessar o X e pediu a revisão da medida. “Só pode ocorrer após assegurados o contraditório e a ampla defesa — jamais de forma prévia e sumária”, salienta.

Para o professor de direito administrativo Leonardo Moraes Pinheiro, o ministro não extrapolou. Mas, segundo ele, pode-se discutir se o STF está exercendo sua competência usual e

se saiu da zona de conforto, se comparada a postura de tribunais superiores de outros países sobre o tema.

“É uma nova tónica do Judiciário em defesa do Estado Democrático de Direito, pois vive-se um ambiente em que é colocado em xeque. Não vejo ilegalidade na ação do ministro. Ficou evidente que Musk tirou o representante no Brasil para esvaziar as decisões judiciais. O ministro podia bloquear as contas da Starlink”. Está ali fundamentado que trata-se de um grupo econômico, com contratos comuns e com colaboração entre si”, avalia.

Assim como o jurista, o *The New York Times* defendeu, em editorial, a decisão de Moraes. Segundo o jornal, o ministro “tem conduzido uma campanha agressiva para limpar a internet do país, forçando as redes sociais a retirar milhares de publicações. Tem sido uma das ações mais abrangentes — e, em certos aspectos, mais eficazes — para reprimir a desinformação on-line”.

As alternativas ao antigo Twitter

de FERNANDA STRICKLAND

Com a suspensão do X, desde ontem, por determinação do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, houve uma debandada para duas redes que oferecem serviços semelhantes — o Threads e o Bluesky. A primeira pertence à Meta, proprietária do Instagram e Facebook, tem aproximadamente 175 milhões de usuários e está no ar desde o ano passado. A segunda foi criada em 2019 pelo ex-CEO do Twitter, Jack Dorsey e era um braço da rede-mãe, mas tornou-se independente em 2021 — quando o bilionário Elon Musk adquiriu o Twitter e mudou o nome para X. Entrar no Threads ou no Bluesky é um processo simples — no caso do primeiro é ainda mais facilitado se o usuário estiver conectado ao Instagram. O *Correio* explica o que são esses dois termos que entraram, repentinamente, no vocabulário dos brasileiros. E preparou um passo a passo sobre como ingressar nas duas redes alternativas ao X.



Threads

A plataforma está disponível para dispositivos iOS e Android e

verifique se seu smartphone está atualizado para as versões mais recentes dos sistemas operacionais.

Depois de baixar o aplicativo — no caso do sistema iOS pode ser necessário inserir a senha do ID Apple ou usar o Face ID/Touch ID —, se você tem uma conta no Instagram pode usar suas credenciais para fazer o login, pois o Threads está integrado com a plataforma, o que facilita o acesso. Caso contrário, será preciso criar uma conta no Instagram, que, automaticamente, serão transferidas para o Threads.

Para “logar” com Instagram, basta ir à tela inicial do Threads, quando aparecerá um aviso para dar início à conexão. Após isso, insira o nome de usuário, a senha do Instagram e siga as instruções para se ligar à conta. No caso de precisar criar uma conta no Instagram, vá ao “Criar uma nova conta” ou em um botão similar. Insira seu nome completo, endereço de e-mail ou número de telefone, e crie uma senha. Siga as instruções para verificar sua conta por e-mail ou SMS. Caso prefira o Threads pelo notebook, basta baixar o aplicativo em threads.net.

Bluesky

A maior diferença desta rede social é que ela opera pelo sistema de convite. Será preciso um convite para se registrar e, caso você não tenha recebido um, pode solicitar-lo — para tanto, é necessário acessar o site oficial do Bluesky (*bluesky.app*) e procurar a opção para solicitar um convite.

Em seguida, inscreva-se na lista de espera fornecendo seu e-mail. Caso receba um convite, basta entrar no aplicativo já baixado no celular.

Toque em “Criar Conta” ou “Sign Up” e insira o código de convite recebido por e-mail. Preencha as informações solicitadas — como nome, e-mail e senha — e, depois, verifique na caixa de entrada do correio eletrônico se recebeu um link de confirmação. Daí, só conclua o processo de ativação: Crie a conta e faça o login, configure seu perfil. Para isso, adicione informações pessoais — como foto, biografia e data de nascimento, pois a ideia é ajudar outros usuários a conhecerem mais sobre você. Navegue até as configurações de privacidade e personalize-as conforme suas preferências. O Bluesky oferece várias opções para gerenciar quem pode ver suas postagens e informações pessoais.

Suspensão de plataforma preocupa empresariado

de DENISE ROTHENBURG

Rio de Janeiro — A suspensão do X (antigo Twitter) no Brasil permeou grande parte dos dois dias de seminário Esfera no Rio de Janeiro e, a contar pelo que dizem os executivos de empresas do setor, a preocupação com a decisão do ministro Alexandre de Moraes é enorme. Em um dos últimos painéis de ontem, mas sem citar o bilionário Elon Musk ou o Supremo Tribunal Federal (STF), o presidente do Google Brasil, Fábio Coelho, fez questão de se diferenciar da rede social banda temporária. Porém, nas entrelinhas, deixou o seu recado.

“Segurança jurídica e institucional é fundamental. Para chegarmos à estabilidade dos ecossistemas, temos que trabalhar dialogando com todo mundo, entendendo que a tecnologia empodera e ajuda a sociedade, a capacidade de resolver seus problemas, de se expressar e de se indignar. Agora, a gente nunca pode abrir mão do diálogo. O diálogo é que o faz com que a gente comece a ser uma sociedade que não caminha para trás, mas para frente”, afirmou, ao ser provocado pelo moderador William Viazek, a respeito da decisão de Moraes.

Coelho fez questão, ainda, de separar a empresa que administra do imbróglio envolvendo o X.

“Nesse mundo poroso, sem fronteiras físicas definidas, não dá para colocar todo mundo na mesma classificação de big tech. O Google está aqui, emprega, paga imposto. São propostas diferentes, de construção diferentes. Nosso papel aqui é ajudar o Brasil”, afirmou, referindo-se ao impacto de R\$ 188 bilhões na economia.

Ele lembrou que a empresa é uma das principais contribuintes da cidade de São Paulo e mantém uma relação excepcional com o Brasil. “Estamos num mundo e num ambiente onde se compete por recursos. Quando agrega risco, agrega incerteza, agrega custo”, advertiu.

Falta de diálogo

Nas entrelinhas de seus comentários, Coelho deixou claro que o caso do X é um exemplo que chegou ao ponto de ruptura por falta de diálogo. Salientou, porém, que não se arrisca a dar uma solução para a crise. “Não é a minha empresa”, esquivou-se.

No caso do Google, Coelho assegura que a opção sempre é pela conversa para chegar a consensos. Lembrou, ainda, dos debates no período eleitoral, com a ministra Cármen Lúcia à frente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), de como a empresa poderia ajudar no sentido de um processo eleitoral

justo. Ele destaca, porém, não ser contra a regulação das big techs. “Não somos contra a regulação. Só não pode ser algo que torne o Brasil pouco competitivo”, observa.

Enquanto Coelho trata de adotar o Google do cabo de guerra entre Musk e o STF, o empresariado sai em defesa da liberdade de expressão. “O grande presente das redes sociais foi levar a liberdade de expressão às últimas consequências”, disse Flávio Rocha, proprietário da rede de lojas de departamento Riachuelo. Ele, porém, faz uma advertência: a linha entre a liberdade e a censura é muito tênue.

O governador do estado do Rio de Janeiro, Claudio Castro, que também participou da discussão, lembrou que a vida em sociedade não pode ser um “vale-tudo”, que tem que haver regras e que “violência, campanhas de ódio e terrorismo não podem ser permitidos”. Quase foi aplaudido de pé. No geral, porém, especialmente nos bastidores, muitos avisam que é preciso ter equilíbrio e que no confronto entre Musk e o STF está difícil achar o ponto.

A jornalista viajou a convite do seminário Esfera no Rio de Janeiro

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política Pagina: 2